

A leitura como ato de resistência em *A bibliotecária de Auschwitz*, de Antonio Iturbe

Reading as an act of resistance in Antonio Iturbe's The librarian of Auschwitz

Gladir da Silva Cabral*
Dienifer Soares Bereznicki**

222

RESUMO: Tendo como referenciais teóricos autores como Antonio Candido, Eclea Bosi, Primo Levi, Gilka Girardello e Alberto Manguel, busca-se compreender como literatura, memória e imaginação operam no romance *A Bibliotecária de Auschwitz*, de Antonio Iturbe, de modo a potencializar as potencialidades da leitura como experiência humana. Com base no testemunho de Dita Kraus, adolescente que sobreviveu ao campo de Auschwitz, onde trabalhou como bibliotecária no Bloco 31, o bloco infantil, a narrativa ficcional de Antonio Iturbe mostra como a memória e a imaginação se entrelaçam como exercício de resistência diante do processo de desumanização em Auschwitz.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Memória; Imaginação; Auschwitz.

ABSTRACT: Having authors such as Antonio Candido, Eclea Bosi, Primo Levi, Gilka Girardello and Alberto Manguel as theoretical references, we seek to understand how literature, memory, and imagination operate in the novel *The Librarian of Auschwitz*, by Antonio Iturbe, in order to enhance the potentialities of reading as a human experience. Based on the testimony of Dita Kraus, a teenager who survived the Auschwitz camp, where she worked as a librarian in Block 31, the children's block, Antonio Iturbe's fictional narrative shows how memory and imagination intertwine as an exercise of resistance in the face of the process of dehumanization in Auschwitz.

KEYWORDS: Reading; Memory; Imagination; Auschwitz.

* Doutor em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Atualmente é professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense, no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação.

** Graduanda do curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc).

Não há povo e não há homem que possa viver sem [a literatura], isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. [...] Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.

(Antonio Candido)

Introdução

Auschwitz foi o maior dos campos de concentração nazistas, localizado no sul da Polônia. Tornou-se um dos símbolos do holocausto perpetrado pelo governo nacional-socialistas da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. O escritor espanhol Antonio G. Iturbe, em *A Bibliotecária de Auschwitz*, cria um romance baseado em uma história real que se passa naquele campo. Sua narrativa está repleta de detalhes, de descrições vívidas, de fragmentos de diálogos e pensamentos que trazem a vida interior da personagem principal. Tudo isso contribui para revelar o caráter humanizador que a literatura possui. Percebe-se isso na construção da própria personagem Dita, que dentro da narrativa consegue representar o modo como a literatura humaniza, assim como a memória e a imaginação, como estratégias de sobrevivência e resistência do humano.

A Bibliotecária de Auschwitz

Contrastando as perspectivas de literatura como representação fidedigna e precisa da realidade e da literatura como pura invenção arbitrária e, portanto, distorcida da realidade, o crítico Terry Eagleton (2003) comenta:

Se não é possível ver a literatura como uma categoria "objetiva", descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de Literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o edifício do Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe

da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm eles próprios uma estreita relação com as ideologias sociais. (EAGLETON, 2003, p. 17)

E ainda que não sirva como espelho objetivo da realidade, a literatura possui um vínculo social e histórico muito forte. A narrativa que ela propõe vai muito além de apenas descrever fatos históricos, mas também de avaliá-los, destacar aspectos de interesse, pensando nos efeitos que terá no leitor. Literatura, nessa perspectiva, faz parte de todo um processo de representação da realidade¹. *A Bibliotecária de Auschwitz* dispõe de um acervo de memórias construídas a partir de um ponto de vista peculiar, os olhos e os pensamentos da menina Dita, em cenas minuciosas de terror, tensão, emoção e sofrimento humano. O livro ressalta o lento processo de desumanização e a crescente falta de empatia² pela vida do outro dentro do campo de concentração. A mesma experiência é descrita em outras obras por Primo Levi (2013) e Victor Frankl (1985).

224

O romance *A Bibliotecária de Auschwitz*³ narra detalhadamente os dias de Dita Adlerova dentro do campo de Auschwitz-Bikernau e sua posterior transferência para Bergen-Belsen e final libertação pelas forças aliadas. Dentro do sistema rigoroso de Auschwitz, Dita e sua família foram alocadas no campo experimental conhecido como “Campo Familiar”, o BIIb. Esse era aparentemente um campo de concentração “modelo”, habitado por famílias que foram mantidas unidas, isso porque os nazistas estavam preocupados em causar boa impressão perante as possíveis inspeções da Cruz Vermelha e dos

¹ Indicamos a leitura da obra de Stuart Hall: *Cultura e Representação* (2013).

² A compreensão de empatia é fundamentada nos estudos de Ranieri e Barreira, segundo os quais: “A concepção da empatia como uma vivência, como reconhecimento do outro como outro eu, desdobra-se eticamente como um movimento de compreensão da experiência do outro, um testemunho sensível daquilo que ele vive” (2012, p. 1). Além do mais, a empatia constitui-se em “um instrumento natural, imediato, tipicamente humano através do qual se consegue colher e compreender os outros seres humanos, as suas vivências, os seus estados de alma, os sentimentos. Não é uma prática que se aprende ou aplica quando há necessidade, mas é conatural ao ser humano” (PEZELLA, 2003, p. 110 *apud* RANIERI; BARREIRA, 2012, p. 14).

³ Essa obra foi publicada em 2012 e ganhou o Prêmio da Association of Jewish Libraries dos Estados Unidos. Para a construção desta pesquisa, estamos utilizando a versão da editora Harper Collins (29 junho 2014).

órgãos internacionais. A realidade nos demais campos era bem pior. Como Ditta diria mais tarde em sua própria autobiografia: “A linguagem humana não contém termos para descrever Auschwitz. A magnitude dessas experiências horríveis exigiria um novo vocabulário”.⁴ Com apenas 14 anos, Ditta cuidou de uma coleção de oito livros no bloco 31 de Auschwitz-Birkenau, onde funcionava uma escola informal e clandestina, já que, por ordem dos nazistas, as crianças não poderiam participar de atividades educacionais.

Freddy Hirsch era o responsável pelo bloco 31 e o idealizador do espaço escolar dentro do campo de concentração⁵, que a princípio funcionaria apenas como um lugar de cuidados básicos para as crianças. Hirsch foi uma figura histórica importante na vida de Ditta, que estava entre os 5.007 judeus que foram transportados de Theresienstadt na Bohemia para Auschwitz em 16 de dezembro de 1943, sendo que um grupo anterior havia chegado ali em 9 de setembro (ADLER, 1994). Não é uma personagem de ficção, mas alguém que de fato existiu e foi um grande líder nos tempos anteriores a Auschwitz, quando eles estavam no Gueto de Theresienstadt (ADLER, 1994). Era um atleta e alguém que até mesmo os nazistas respeitavam. Foi ele mesmo que convenceu os nazistas a deixarem as crianças em um barracão sob seus cuidados. Para a existência do bloco, os nazistas impunham algumas regras, mas a principal era a total proibição do ensino de qualquer conteúdo escolar no local.⁶

Segundo Shimon Adler (1994), dentro do Bloco 31 havia pequenos bancos de madeira nos quais as crianças se assentavam em círculo e perto de algumas

⁴ “Human language doesn’t contain terms to describe Auschwitz. The magnitude of those horrible experiences would require a new vocabulary” (KRAUS, 2020, paginação irregular).

⁵ “Uma conquista de Freddy Hirsch, que começou como um simples instrutor de esportes para grupos juvenis e agora é um atleta, realizando em Auschwitz uma corrida de obstáculos contra o maior rolo compressor de vidas da história da humanidade. Conseguiu convencer as autoridades alemãs do Lager de que manter as crianças entretidas num barracão facilitaria o trabalho dos pais naquele campo Bilb, que chamam de “campo familiar”, pois nos demais as crianças são tão raras quanto os pássaros. Em Auschwitz, não há pássaros. Eles morrem eletrocutados nas cercas” (ITURBE, 2014, p. 12). A historicidade de Freddy e de muitos outros detalhes do romance de Iturbe podem ser confirmados no artigo de Adler (1994), que Iturbe utilizou também como fonte de pesquisa.

⁶ “O alto comando do campo permitiu a criação de um barracão infantil – talvez essa tenha sido sua intenção desde o princípio –, mas desde que fosse um bloco de atividades lúdicas: estava terminantemente proibido o ensino de qualquer matéria escolar” (ITURBE, 2014, p. 12).

mesas. As paredes do barraco eram pintadas como se fosse uma sala de aula decorada com desenhos de esquimós, índios e africanos e até mesmo com o desenho da Branca de Neve e os Sete Anões, pássaros, flores, árvores e rochas (1994). O barraco estava subdividido em nove espaços diferentes, repartido por 18 pilares que sustentavam o teto. Ali, transgredindo a uma ordem dos guardas do campo, as crianças tinham aulas, estudos, jogos, brincadeiras e histórias, muitas histórias. Estudava-se alemão, sociologia, judaísmo, poesia, além de esquetes teatrais e canções folclóricas. Dessa forma, havia em dias especiais espetáculos como: coro, ópera, drama e música. Mas não havia quadro, giz, caderno, papel ou lápis, equipamento algum (KRAUS, 2020). No acervo da Biblioteca de Auschwitz havia um total de oito livros: um atlas desencadernado, um livro de geometria elementar, o romance de H.G. Wells, *Uma breve história do mundo*, uma gramática russa, um romance em francês, um livro de psicanálise, um romance em russo e um romance em tcheco (ITURBE, 2014). Para além dos livros físicos, existiam também as histórias ambulantes, que eram livros memorizados e apresentados oralmente pelos professores. “A senhora Magda, que narra *A maravilhosa viagem de Nils Holgersson*; a professora Marketá, conhecedora profunda de *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas; Shasehk, que contava histórias de índios e aventuras do Oeste; e Dezo Kovak, com as histórias dos patriarcas da Bíblia” (SILVA, 2015, p. 7).

A cada capítulo do romance o leitor vai seguindo os passos de Dita Adlerova. Iturbe consegue em sua narrativa, escrita em estilo fluido, representar a aflição e, ao mesmo tempo, a coragem e a sede de esperança que corriam nas veias da pequena bibliotecária. Existem muitas passagens de tensão, até porque o espaço narrativo é o de um campo de concentração, num barracão com mais de 500 crianças praticando um duplo delito ao participarem das aulas, pois foram autorizadas a participarem apenas de atividades recreativas, e lidavam com livros, que eram objetos proibidos aos prisioneiros. Todos eles, professores e crianças, corriam risco de vida cotidiano, inevitável. Sobreviver era desafiar o destino. Em sua autobiografia, publicada recentemente, Dita Kraus comenta sobre os professores do bloco 31: a maioria

tinha pouco mais de 20 anos. “Eles estavam cientes da proximidade da morte e deviam ter ficado aterrorizados. No entanto, passaram o resto dos seus dias com as crianças, criando para elas uma espécie de refúgio nesse inferno. Eles são, aos meus olhos, os verdadeiros heróis de Auschwitz”.⁷

Diante de todo o risco que corriam, o que mais chama atenção nesse romance biográfico é o amor de Dita pela leitura. Ela cuidava de seus livros como uma enfermeira e os lia como uma chama que arde pelo desejo de sonhar. Já ao final do livro, depois de um grande massacre de parte dos internos do campo e da frustração do levante, em certo diálogo entre a bibliotecária e Miriam Edelstein, Dita desabafa sobre não entender o fim de Hirsch e questiona por que levar esperança àquelas crianças, sabendo qual seria o seu fim, Miriam apenas questiona o contrário: Por que não? E argumenta que os nazistas “[q]ueriam um depósito de crianças largadas num canto como trastes, mas abrimos uma escola. Queriam que fossem quadrúpedes num estábulo, mas fizemos com que se sentissem gente”. Miriam pontua a diferença que o contato que a literatura fez para as crianças que estavam no campo - “Valeu a pena. Nada foi em vão. Lembra como riam? Como arregalavam os olhos quando cantavam o Alouette ou escutavam as histórias dos nossos livros vivos? Lembra os pulos que davam quando púnhamos meio biscoito na tigela delas?” (ITURBE, 2014, p. 259). Mais do que fuga da realidade, alienação, a literatura, como força da memória e da imaginação, representava a construção de um espaço de liberdade no coração da prisão, construção de sentido em meio ao absurdo daquela realidade.

A leitura literária como exercício de um direito e um ato de resistência

“Uma sociedade pode existir - existem muitas, de fato - sem escrever, mas nenhuma sociedade pode existir sem ler”, é o que afirma Alberto Manguel

⁷ “They were aware of their approaching deaths and must have been terrified. Yet they spent their remaining days with the children, creating for them a kind of haven in this hell. They are, in my eyes, the real heroes of Auschwitz” (KRAUS, 2020, paginação irregular).

(2004, p. 12) ao descrever o surgimento do ato de ler em sua vida. Ler faz parte de uma ressignificação e da evolução pessoal da vida humana. A evolução acontece a partir do contato com a aprendizagem de seu semelhante. Dessa maneira, compreendemos que a literatura é um bem incompressível, pois “são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual” (CANDIDO, 2004, p. 174).

Pensando a literatura como um direito humano, Sanderli José da Silva afirma que

em se tratando do direito ao acesso à literatura, o Artigo 13 - Liberdade de pensamento e de expressão, da Convenção Americana de Direitos Humanos (1969, online), estabelece no item 1:

‘Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento e de expressão. Esse direito compreende a liberdade de buscar, receber e difundir informações e ideias de toda natureza, sem consideração de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer outro processo de sua escolha. (2018, p. 13)

228

A Constituição também considera direitos a satisfação das necessidades básicas do cidadão: “a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. Outra carta fundamental, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), declara que:

Todo homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios. Todo homem tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

Antonio Candido, em seu ensaio “O direito à literatura”, estenderia esse direito ao acesso à cultura considerada letrada, até então privilégio das camadas mais abastadas da sociedade. Para ele:

São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o Direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 2004, p. 104)

Partimos disso para entender de que forma a obra *A Bibliotecária de Auschwitz*, de Antonio Iturbe, faz a conexão entre o direito à literatura que humaniza e a literatura que se transforma em um exercício de resistência. Nessa perspectiva, o romance demonstra como a leitura faz parte do processo de desenvolvimento pessoal e social do ser humano, não apenas como fruição do conhecimento, mas como construção de portas de saída e sobrevivência em meio ao caos. A literatura é um instrumento que organiza o pensamento, alinha as emoções e move as pessoas à sua atuação ética e política na história.

Dessa forma, a literatura é compreendida como “indispensável para a formação do ser humano, tanto no plano da alta cultura, quanto na esfera da cultura popular. A necessidade de fabulação é presente no indivíduo e o acesso a esse incompressível bem obedece ao princípio da igualdade e da não discriminação” (SILVA, 2018, p. 17). Ela tem a potência de humanizar, no sentido pleno e não apenas no sentido edificando e positivado da palavra, porque faz o ser humano vivenciar diferentes realidades e situações, revela as contradições do indivíduo e da sociedade da qual faz parte. Para Candido, “[t]oda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção” (CANDIDO, 2004, p. 177). Comentando sobre o texto de Candido, em artigo publicado 30 anos depois, Celdon Fritzen pergunta:

Como a literatura humaniza? Tal questão é respondida a partir de uma matriz iluminista, de ênfase no poder emancipatório da leitura e do conhecimento, que se abre numa ampla enumeração que contempla desde o fomento da criticidade até o cultivo do bom humor. A literatura nos melhoraria. (2019, p. 3-4)

A literatura, segundo Candido, é “uma aventura expondo a tudo quanto o humano pode contraditoriamente desejar e temer. Portanto, ela é arriscada porque faz viver” (FRITZEN, 2019, p. 4). E Celdon Fritzen acrescenta:

Assim, a literatura para Candido é: 1- fundamentalmente forma que transforma o caos em cosmos, organizando por meio da palavra os mundos; 2- forma de conhecimento difuso e mesmo inconsciente de si, do outro e das coisas; 3- forma que expressa intencionalidades ideológicas de indivíduos ou grupos. (2019, p. 4)

Não por acaso, o poder da reflexão social apavorava Hitler, que mandou queimar e estabeleceu a proibição da circulação dos livros considerados heresia e afronta à raça ariana.⁸ Não por acaso as palavras de Heinrich Heine soam tão proféticas e perturbadoras: “Onde se queimam livros, acaba-se queimando pessoas”.

Os soldados alemães estavam sempre atentos à descoberta de livros entre os judeus, já que o conhecimento e a leitura eram considerados armas poderosíssimas para a derrubada daquele regime:

O que tanto temem os implacáveis guardas do Reich são apenas livros: livros velhos, desencadernados, desfolhados, e quase desfeitos. Mas que são perseguidos, condenados e vetados de maneira obsessiva pelos nazistas. Ao longo da história, todos os ditadores, tiranos e opressores, fossem arianos, negros, orientais, árabes, eslavos ou de qualquer outro tom de pele, defenderam a revolução popular, os privilégios das classes nobres, os mandamentos de Deus ou a disciplina sumária dos militares. Qualquer que fosse a sua ideologia, todos tinham algo em comum: sempre perseguiram os livros com verdadeira sanha. São muito perigosos, fazem pensar (ITURBE, 2014, p. 13)

Tanto o exílio dos escritores literários quanto a queima e a proibição da circulação de livros comprovam o risco que a literatura representava para o governo nazista. A partir do momento em que o nazismo entendeu o poder subversivo da leitura, negou seu acesso à sociedade em geral e controlou os meios de produção e divulgação da cultura escrita. É por meio da personagem Dita que Iturbe mostra como é possível utilizar a literatura como ferramenta de

⁸ “Os livros de Freud foram dos primeiros que Hitler mandou queimar, em 1933. Este livro é puro perigo. Não só é um livro clandestino, como proibido” (ITURBE, 2014, p. 110). Em seu artigo “On the Nazi Vocabulary”, Nachman Blumenthal (1957) mostra como o projeto violento de Hitler capturava a linguagem e utilizava termos positivados para esconder o projeto de extermínio dos judeus europeus. Expressões como “prontidão para o sacrifício”, “amor”, “fé”, “lealdade”, “retidão”, “pátria” e “povo” serviam para escamotear e pôr em funcionamento os mais terríveis projetos de violência e opressão. A apropriação da língua alemã foi um dos primeiros atos de apoderamento nazista. O projeto era mesmo o de sequestrar a imaginação coletiva do povo por meio da linguagem. Alberto Manguel, em seu artigo “The library as survival”, relata as várias cenas de queima de livros em praças públicas realizadas em forma de ritual macabro da milícia nazista, como no caso da queima de livros na praça Unter den Linden, em frente à Universidade de Berlim, na noite do dia 10 de maio de 1933. Entre os autores mais hostilizados, estavam Heirich Mann, Stefan Zweig, Freud, Emile Zola, Proust, Andre Gide, Helen Keller e H.G. Wells. Esses eram os principais, mas na verdade milhares de obras foram proibidas, principalmente os de origem judaica (MANGUEL, 2008).

sobrevivência. A narrativa centra-se na conexão que existia entre Dita, os livros e a arte em geral, sobretudo o desenho. Dita gostava de desenhar, e é esse compromisso declarado com a arte que vai salvá-la quando da última seleção diante de Mengele (KRAUS, 2020). A relação de afeto da menina com os livros pode ser observada no extrato a seguir:

Dita pega o livro com amor, acomoda as pregas soltas e ajeita as páginas tortas. Demora tanto quanto necessário. Os outros observam, intrigados, como ela se dedica a alisar as folhas e a curar o livro como se fosse um ferido de guerra. Trata o livro com tanto carinho que nem mesmo a professora indignada não se atreve a dizer nada. A bibliotecária passa os dedos pelas páginas para alisá-las com o mesmo mimo que uma mãe pentearia a filha. Por fim, uma vez recomposto, o abre com cuidado. (ITURBE, 2014, p. 328)

E era dessa forma que ela encontrava e construía outras realidades para si. É o caso de seu apego ao livro *As aventuras do bravo soldado Svejek*, “um livro desfolhado e impróprio para damas, segundo Hirsch”, como ilustra o excerto a seguir:

Dita sente falta do doutor Manson, a quem acompanhara nas leituras pelas cidadezinhas mineradoras das montanhas de Gales, e de Hans Castorp, tranquilamente deitado em sua *chaise longue* de frente para os Alpes. O livro de agora está empenhado em atá-la a Boêmia e à guerra. Ela deixa os olhos passarem pelas folhas e não entende muito bem o que o autor tcheco, de que nunca ouvira falar, quer lhe contar. Um oficial desesperado repreende o soldado protagonista, um pobre-diabo barrigudo, maltrapilho e que se faz de bobalhão. Não lhe agrada. A situação é decadente. Ela gosta dos livros que engrandecem a vida, não os que a diminuem. No entanto, há algo nesse personagem que lhe é familiar. E, de todo jeito, o mundo lá fora está muito pior. Então, prefere permanecer encolhida em seu tamborete, concentrada na leitura, e torce para que os professores que estão de tertúlia não reparem em sua presença. (ITURBE, 2014, p. 187)

Ao falar sobre a importância do ato de ler, Paulo Freire (em 1981), logo ao chegar ao Brasil depois do exílio de 15 anos, na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas, em novembro de 1981, invoca suas memórias afetivas mais vívidas e relevantes, pois é nesse material escondido da memória que ele busca inspiração para compreender o aprendizado e o exercício da leitura:

Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até grossamente - a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais

remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim construindo. (FREIRE, 1989, p. 20)

É que leitura é significação, e memória é também significação da vida, portanto releitura. Para Paulo Freire, memória e leitura caminham juntos no processo de busca de autonomia. A construção do leitor passa por esse momento de construção de significado. Nesse aspecto, a literatura ultrapassa a aquisição de conhecimento e alcança o exercício da reflexão e da compreensão da realidade, como é o caso de Dita, articulando-se também com a imaginação. Nos termos de Antonio Candido, configura-se no romance a ideia de que “a literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (2004, p. 175). Dessa maneira Dita encarou o desafio de sobreviver a Auschwitz, dia após dia acendendo um fósforo em meio ao nada⁹, fazendo com que aquela chama permanecesse em si como sua vontade de viver.

232

A memória como exercício de resistência

Como Viktor Frankl postula em seu livro *Em busca do sentido*, a memória constituiu-se num dos grandes mecanismos de sobrevivência dos que estavam em Auschwitz. Em certa altura da sua narrativa autobiográfica, ao falar das longas caminhadas pelo campo frio, pela neve, até o posto de trabalho, ao trabalhar penosamente, ele revela que ia mentalmente conversando com sua querida esposa, da qual se separou ao ser enviado para o campo de concentração:

Passo a compreender que a pessoa, mesmo que nada mais lhe reste neste mundo, pode tornar-se bem-aventurada - ainda que somente por alguns momentos - entregando-se interiormente à imagem da pessoa amada. Na pior situação exterior que se possa imaginar, numa situação em que a pessoa não pode realizar-se através de alguma conquista, numa situação em que sua conquista pode consistir unicamente num sofrimento reto, num sofrimento de cabeça erguida, nesta situação a pessoa pode realizar-se na contemplação amorosa da

⁹ “O que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor” (William Faulkner *apud* Iturbe, 2015).

imagem espiritual que ela porta dentro de si da pessoa amada.
(FRANKL, 1985, p. 43)

Para Frankl, a memória da esposa invadia a realidade do campo, uma presença quase palpável, uma aparição com a qual ele dialogava cotidianamente, como se a esposa estivesse ali com ele. A memória vívida dava-lhe forças para continuar vivendo.

A pesquisadora brasileira Eclea Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1998), comenta, a partir de Bergson no livro *Matière et Mémoire*, que não existe percepção sem impregnação das lembranças. Bergson sugere que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual” das representações. Bergson chama a percepção impregnada de “lembrança de percepção completa e complexa” (BOSI, 1998, p. 47). Dessa maneira, Bosi entende que “a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (1998, p. 47). Para Bergson, o espaço profundo e cumulativo da memória é diferente do espaço raso da percepção imediata como a figura de um cone invertido, sugerindo que as lembranças descem para o presente, lugar onde se situam os atos perceptuais e, por isso, se tocam sempre, pois é do presente que emergem as lembranças do passado (*apud* BOSI, 1998). É isso que se percebe no relato de Viktor Frankl e na experiência de Dita no romance de Antonio Iturbe.

Segundo Bergson, existem pelo menos dois tipos de memória: a memória hábito e a memória sonho. A primeira é aquela que remete ao que sabemos e fazemos no cotidiano da vida, como comer, escrever, dirigir, costurar entre outros; e a imagem-lembrança da memória sonho remete a “um momento único singular, não repetido” (*apud* BOSI, 1998, p. 49), que para ele encontra-se em um nível profundo do inconsciente. Desse modo, “[a]ntes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança ‘vive’ em seu estado latente, potencial” (BOSI, 1998, p. 51-52). Esse convívio consciente e inconsciente ocorre o tempo todo na memória, e, para Bergson, segundo Bosi (1998), a conservação do passado está na memória, e o passado sobrevive através das lembranças ou em estado

inconsciente. Entretanto, chega o momento em que a memória é conscientemente invocada, buscada, ressignificada. Momentos assim estão presentes no comportamento de Dita, a menina *A Bibliotecária de Auschwitz*.

Halbwachs parece se contrapor a Bergson, que afirmava que a lembrança era uma imagem pura, que se apresentaria em sonhos e devaneios. Para Halbwachs, a memória de um sujeito se relaciona com a memória de um grupo, isto é, a memória coletiva (BOSI, 1998). A memória seria, portanto, ancorada na experiência social do sujeito. Além disso, com o tempo, a memória irá resgatar as lembranças com o vivido da contemporaneidade e não conseguirá recuperar a mesma imagem, com os mesmos sentimentos, pois as pessoas mudam, alteram suas ideias, valores e percepções. Dessa forma, há um elemento de criação na memória. Não se trata de recuperar a perfeição do passado, mas de reconfigurá-lo no presente. Trata-se de uma experiência sempre coletiva, por mais pessoal que pareça.

Em *A Bibliotecária de Auschwitz* encontramos a descrição do que seriam os “livros vivos” para Dita, narrativas construídas pelos professores das crianças do campo, que ativavam sua memória e construíam esse momento de leitura. Esses livros eram contados às crianças a partir dos fragmentos das memórias das leituras dos adultos.

[...] Magda é muito boa em *A maravilhosa viagem de Nils Holgersson*, e as crianças adoram quando ela faz com que imaginem que estão voando agarradas aos gansos pelo céu da Suécia. Shasehk explica muito bem as histórias de índios e as aventuras do Oeste. Dezo Kovak se dedica a contar as histórias dos patriarcas com riqueza de detalhes, quase como uma Bíblia falante [...] dedica-se de corpo e alma à tarefa de distribuir os livros: os de papel pela manhã, nas horas de estudo, e os vivos pela tarde, quando o ambiente está mais descontraído. Para esse último, organizou o rodízio dos professores, que se transformaram em livros que falam, às vezes gritam e até dão pescoções nas crianças que não obedecem[...] – Senhora Markéta... a senhora me contou tão bem essa história que é quase como se eu tivesse lido o livro. Gostaria de ser um de nossos livros vivos? [...] (ITURBE, 2014, p. 36)

Outra passagem muito interessante na narrativa de Iturbe é quando Dita revela que possui algo que “ninguém poderá lhe tomar” (ITURBE, 2014, p. 51), trata-se das imagens do passado, das pessoas amadas, de um tempo feliz ainda

intocado pela guerra e pela perseguição aos judeus. Assim, ela vai construindo em sua mente um verdadeiro álbum de fotografias a partir da memória invocada e ressignificada naquele contexto opressivo.

Era tão pequena que quase já não lembra como era o mundo quando não existia a guerra. Tal como esconde os livros sob o vestido nesse lugar onde arrebatarem tudo, também guarda na cabeça um álbum de fotografias feito de lembranças. Fecha os olhos e trata de evocar como era o mundo quando não existia o medo [...] Foi numa dessas noites de insônia que teve a ideia da brincadeira de transformar suas recordações em fotografias, e sua cabeça, no único álbum que ninguém poderá lhe tomar. (ITURBE, 2014, p. 16, 51)

Ela utiliza a ferramenta memória¹⁰ para evocar lembranças dos lugares por onde passou e de como era sua vida antes da guerra. Num primeiro momento, “[...] ela se vê com nove anos de idade, parada em frente ao relógio astronômico da praça da Cidade Velha, em Praga, no início de 1939. Olhava meio de soslaio para o velho esqueleto a vigiar os telhados da cidade com suas órbitas vazias, enormes como punhos negros [...]” (ITURBE, 2014, p. 17). Em seguida, retoma seu álbum até a chegada dos nazistas, em meio ao sentimento de aflição por ter de deixar seu lugar de morada¹¹ e seu círculo social davam apenas o pontapé para o horror que estava por vir.

Durante a narrativa do romance, Dita reconstrói em sua mente o que seria uma perspectiva de passado duradouro. Em seus momentos de aflição, retomava para si, em seu álbum exclusivo, aquilo que um dia parecia ser corriqueiro, como quando “Dita se encolhe em seu esconderijo e procura outra imagem, a do dia em que fez 12 anos. [...] Ela se lembra bem dessa festa, a última, com um bolo delicioso que sua mãe preparou” (ITURBE, 2014, p. 90).

¹⁰ Importante destacar que, para Dalgalarondo em seus estudos neuropsicológicos, o que chamamos aqui de memória também faz parte do processo de criatividade de Dita. “[...] é uma atividade psíquica, geralmente voluntária, que consiste na evocação de imagens percebidas no passado (imagem mnêmica) ou na criação de novas imagens (imagem criada). A imaginação, ou processo de produção de imagens, geralmente ocorre na ausência de estímulos sensoriais” (2018, p. 121).

¹¹ “Depois da chegada dos nazistas a Praga, Dita e seus pais tiveram que deixar seu apartamento da casa elétrica. Ela gostava muito daquele lugar, porque era o mais moderno da cidade, com lavanderia no andar de baixo e um interfone de dar inveja em todas as suas colegas de classe” (ITURBE, 2014, p. 51).

Dita sente a necessidade de retomar o passado em prol de uma perspectiva de futuro. Dalgarrondo afirma que:

A experiência normal do tempo implica a ampliação de um agora que se estende ao passado e se dirige ao porvir. Implica também um movimento mental que integra o fluir dos acontecimentos objetivos e externos à dimensão temporal subjetiva, ou seja, ao devir da vida subjetiva. A anormalidade da sensação do fluir do tempo corresponde à falta da sensação do avançar subjetivo do tempo, na qual o sujeito perde o sincronismo entre o passar do tempo objetivo, cronológico, e o fluir de seu tempo interno. (2018, p. 117)

Isso já é verdadeiro em tempos ditos normais, quanto mais no contexto estressante de um campo de concentração, sitiado pela fome e pelas torres de vigia em plena Segunda Guerra Mundial. Em sua autobiografia, Dita Kraus comenta como os prisioneiros viviam em estado contínuo e agudo de fome. Era muito difícil pensar em outra coisa que não em comida (2020).

Esse cenário de um tempo subjetivo caracteriza Dita quando “sentia vontade de abrir o álbum de fotos de sua cabeça e voltar a Praga, talvez porque, quando não se pode sonhar com o futuro, sempre se pode fazê-lo com o passado” (ITURBE, 2014, p. 89). Houve uma negociação aqui, uma troca necessária. Foi através do exercício da memória criativa que ela se conectou com seus sonhos e planos para um futuro incerto. Estabelecemos, assim, relação com a obra de Viktor E. Frankl **Em busca de sentido** (1985).

Frankl relata sua experiência como ex-prisioneiro de um campo de concentração em Auschwitz. Descreve as ferramentas de sobrevivência utilizadas pelos prisioneiros imersos naquela realidade, inibidora de qualquer chance de esperança. Segundo o autor:

Quando um homem descobre que seu destino é sofrer, tem que ver neste sofrimento uma tarefa sua e única. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é única e exclusiva em todo o cosmo-centro deste destino sofrido. Ninguém pode assumir dela isso, e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento. Mas na maneira como ela própria suporta este sofrimento está também a possibilidade de uma vitória única e singular. Para nós, no campo de concentração, nada disso era especulação inútil sobre a vida. Essas reflexões eram a única coisa que ainda podia ajudar-nos, pois esses pensamentos não nos deixavam desesperar quando não enxergávamos chance alguma de escapar com vida. O que nos importava já não era mais a pergunta pelo sentido da vida como ela é tantas vezes colocada, ingenuamente, referindo-se a nada mais do

que a realização de um alvo qualquer através de nossa produção criativa. O que nos importava era o objetivo da vida naquela totalidade que incluiu a morte e assim não somente atribui sentido à “vida”, mas também ao sofrimento e à morte. Este era o sentido pelo qual estávamos lutando!”. (FRANKL, 1985, p. 49)

No caso de Dita Kraus, fica evidente que o cuidado dos livros da biblioteca e suas atividades no bloco 31 se tornaram sua grande tarefa, bem como o cuidado da mãe, do pai, que eventualmente morre. O sentido de sua existência estava nessas atividades que a chamavam para o futuro, para o dia seguinte, e isso é construção de significado.

Dentro de sua narrativa, encontramos alguns trechos onde é possível destacar a mesma característica de ferramenta de sobrevivência utilizada por Dita, na obra de Iturbe.

Com a boca escondida atrás da gola da capa, o companheiro que marcha ao meu lado murmura de repente: "Se nossas esposas nos vissem agora...! Tomara que estejam passando melhor no campo de concentração em que estão. Espero que não tenham ideia do que estamos passando." E eis que aparece à minha frente a imagem de minha mulher. [...] Vez por outra olho para o céu aonde vão empalidecendo as estrelas, ou para aquela região no horizonte em que assoma a alvorada por detrás de um lúgubre grupo de nuvens. Mas agora meu espírito está tomado daquela figura à qual ele se agarra com uma fantasia incrivelmente viva, que eu jamais conhecera antes na vida normal. Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, vejo seu olhar como que a exigir e a animar ao mesmo tempo e - tanto faz se é real ou não a sua presença - seu olhar agora brilha com mais intensidade que o sol que está nascendo. Um pensamento me sacode. (FRANKL, 1985, p. 30).

237

Nesse recorte, por exemplo, o autor destaca a importância de conseguir ver sua esposa, mesmo em memória. Quando ele narra seu diálogo, seu sorriso no breu, ele afirma esse contato necessário com o outro, que também é possível observar no relato de Dita, quando busca em seu álbum um passado que lhe dê forças para superar o presente.

A imaginação como exercício de resistência

O termo imaginação vem do latim: *imaginatio*, que é a faculdade de uma pessoa para representar em sua mente imagens de coisas reais ou ideais, isto é, fantasias; e é também a “[f]aculdade de evocar imagens de objetos que

já foram percebidos; imaginação reprodutora” (FERREIRA, 1999, p. 1077). Para Dalgalarroondo, a imaginação

[...] é uma atividade psíquica, geralmente voluntária, que consiste na evocação de imagens percebidas no passado (imagem mnêmica) ou na criação de novas imagens (imagem criada). A imaginação, ou processo de produção de imagens, geralmente ocorre na ausência de estímulos sensoriais. (2018, p. 121)

Essas definições de imaginação ressaltam sua dimensão mental, espiritual, interior, ao mesmo tempo em que reforçam sua força tanto criadora quanto reprodutora. As duas formas são perceptíveis no romance de Iturbe.

O ato de imaginar aflora, nos seres humanos, possibilidades de criar o possível e o impossível, em diferentes realidades. Carlos Pinto Corrêa, em seu artigo “Imaginação e criatividade: uma introdução ao tema da criação e psicanálise”, indaga:

Por que o homem cria, em vez de simplesmente repetir a experiência previamente testada? A observação imediata nos mostra que a natureza é por si essencialmente criativa e os desdobramentos das espécies vivas, bem como os contornos físicos e geológicos do mundo, além de muito variados, são belos. Vivemos diante de estruturas complexas, onde o funcionalismo objetivo parece antes de tudo chamar o homem à mediocridade e à alienação de sua própria experiência no contexto em que vive. (2000, p. 1)

238

Nos anos de formação do sujeito, a imaginação faz parte dos processos de socialização e aprendizado, tanto de crianças quanto de adultos. Para Vygotsky (2012), por meio da imaginação os sujeitos não só recordam “experiências vividas, mas também reelaboram criativamente, combinando-as entre si e edificando com elas novas realidades” (2012, p. 99). Partindo do pressuposto que toda atividade imaginativa se alicerça em ressignificar e reelaborar os acervos essencialmente acumulados em experiências anteriores, defende que “a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, por ser menor sua experiência” (p. 17).

Citando o autor irlandês Richard Kearney, Gilka Girardello comenta sobre as metáforas atribuídas à imaginação ao longo do tempo. Primeiramente, a imaginação entendida como reflexo da realidade, que é vista como um espelho,

“sendo a imagem mental e suas representações artísticas consideradas meras cópias da criação divina original” (2003, p. 2). Em segundo lugar, há a metáfora da imaginação como uma lâmpada que possibilita a produção do real, lembrando que “o poder de formar imagens não age somente a partir daquilo que os sentidos físicos percebem, mas também da invenção e da abstração”. Em terceiro lugar, há também a metáfora da imaginação como um labirinto de espelhos, “com o sentido de uma ilusão a ser rompida” (p. 3). Finalmente, há a ideia de imaginação como busca de uma “identidade narrativa, de que o homem conte e reconte a sua própria história”, um emaranhado de tramas e narrativas. Para Girardello a narrativa seria “considerada uma instância intermediária entre imaginação e cultura” (2003, p. 4), ou seja, na medida em que narramos, estamos “também atribuindo significação aos dados da cultura, numa estratégia contínua de leitura e produção cultural. A narrativa oral me parece assim um material valioso para a reflexão sobre a vida imaginativa dos sujeitos da recepção” (p. 5). No romance de Antonio Iturbe, a dimensão narrativa da imaginação é a que mais se acentua, tanto no protagonismo de Dita quanto na participação de outras personagens da história.

A partir do entendimento de imaginação como um jeito de encarar as circunstâncias concretas que nos envolvem, é possível compreender as implicações da fala de Dita quando afirma: “Se olharmos para a realidade, sentimos asco e raiva. Só nos resta a imaginação, senhora Markéta” (ITURBE, 2014, p. 250). A extensão e a intensidade do sofrimento de Dita são imensas, considerando a dor externa e física, a exaustão, a fome, o frio e a calamidade generalizada ao redor pela guerra e pela crueldade. Há também a dor interna, o sofrimento psicológico, moral, a humilhação constante do corpo emaciado, pálido, a fome de tudo, as palavras hostis e os atos de violência que agridem a alma. Dita argumenta que, diante daquela realidade brutal, só restava a possibilidade frágil da imaginação, de modo a preservar o pouco do que ainda estava íntegro no ser. Ela põe em operação o que Iturbe vai afirmar ao final da obra:

Se o homem não se emociona com a beleza, se não fecha os olhos e põe em funcionamento os mecanismos da imaginação, se não é capaz de fazer perguntas e vislumbrar os limites de sua ignorância, é homem ou mulher, mas não é pessoa. Nada o distingue de um salmão, de uma zebra ou de um boi-almiscarado. (ITURBE, 2014, p. 354)

Assim, a imaginação está para além do mero reflexo da realidade, mas aponta para sua transcendência por meio da criação imaginativa, do sonho de uma outra realidade possível, desejável. Trata-se de uma estratégia de sobrevivência, como explicita a seguinte citação do romance:

A primeira lição que qualquer veterano dá a um recém-chegado é a de que sempre se deve ter claro seu objetivo: sobreviver. Sobreviver mais umas horas e assim acumular mais um dia, que somado a outros poderá se transformar em mais uma semana. E assim sucessivamente: nunca fazer grandes planos, nunca ter grandes objetivos, apenas sobreviver a cada momento. Viver é um verbo que só se conjuga no presente. (ITURBE, 2014, 21)

Nesse mover-se para a sobrevivência, sonha-se, imagina-se muito: lembram-se das pessoas amadas, dos dias felizes do passado, sonha-se com comidas deliciosas, receitas novas, celebrações futuras à mesa, quando tudo passar. Não por acaso no raro encontro entre dois jovens prisioneiros, Alice e Rudi, sua conversa gira em torno de um futuro ainda distante: “como será a vida depois de Auschwitz; pergunta se ela gosta das casas de campo, seus pratos preferidos, que nome gostaria de pôr nos filhos um dia... Enfim, que falem sobre a vida de verdade, e não desse pesadelo. Por um instante, o futuro parece possível” (ITURBE, 2014, p. 170).

Há no romance uma cena de fuga do campo de concentração, uma história verídica e impressionante de coragem, resistência e compromisso com a vida. Trata-se do famoso caso dos prisioneiros Walter Rosenberg e Alfréd Wetzler, narrado por Iturbe da seguinte maneira:

Enquanto no campo os guardas correm de um lado para o outro e a tensão cresce, a poucas centenas de metros dali o registrador Rudi Rosenberg se mantém em silêncio junto de outro camarada, Fred Wetzler, na mais absoluta escuridão. Estão num esconderijo minúsculo que lembra um túmulo. Apenas suas respirações agitadas acrescentam à pequena penumbra um componente de vida. (ITURBE, 2014, p. 272)

Delírio ou sonho? Uma fusão entre ambos a partir da imaginação? Para Rosenberg e Wetzler, a liberdade ainda era um sonho. Através da imaginação¹², sonharam o impossível e resgataram em si força de vontade planejar e executar um arriscado plano de fuga. Arriscaram a vida em prol da liberdade e fizeram, do inacreditável, uma opção.

Outra cena em que Dita aciona a memória e a imaginação é quando ela revive momentos passados de sua vida ainda em Praga, num período de relativa liberdade para os judeus.¹³

Uma fotografia aparece no álbum de sua cabeça. Duas crianças caminham de mãos dadas pelo velho cemitério judaico de Praga, entre sepulturas salpicadas de pedrinhas sobre folhas de papel, de modo que não fossem levadas pelo vento. Os nazistas não haviam imposto restrições para frequentar o cemitério, que se conservava em bom estado desde o século XV. (ITURBE, 2014, p. 52).

Mas foi sobretudo pela literatura que Dita mergulho no profundo oceano da literatura de ficção disponível naquele momento no campo, ao ler a obra *Uma breve história do mundo*, de H.G. Wells:

Dita passeia com assombro por um planeta agitado pelas erupções vulcânicas e pelas posteriores mudanças climáticas bruscas, em que se alternam épocas quentes e glaciações extremas. O que mais chama sua atenção é a época dos dinossauros, répteis de tamanhos extraordinários que se fizeram os donos do planeta. (ITURBE, 2014, p. 118)

É neste ponto que surge a necessidade de conectarmos tudo o que foi apresentado até aqui, pois foi através da imaginação que Dita conseguiu resistir ao tempo presente de opressão e violência e lançar-se a um futuro plausível e possível por meio da literatura¹⁴, transcendendo as cercas de arame farpado e

¹² “O plano era deslizar a tábua que servia de tampa e se enfiar no esconderijo num momento de descuido do Kapo. Quando fizessem a chamada, notariam sua ausência e procurariam no bosque e nos arredores, mas nunca desconfiariam de que estivessem escondidos fora do perímetro eletrificado, mas a apenas alguns metros da cerca do próprio campo” (ITURBE, 2014, p. 192).

¹³ “Foi numa dessas noites de insônia que teve a ideia da brincadeira de transformar suas recordações em fotografias, e sua cabeça, no único álbum que ninguém poderá lhe tomar” (ITURBE, 2014, p. 40).

¹⁴ “Dita sorri agora ao pensar nessas páginas. Desde então, soube que sua vida seria mais ampla porque os livros multiplicam a vida e nos permitem conhecer gente como Andrew Manson e, sobretudo, como Christine, uma mulher que nunca se deixou deslumbrar pela alta sociedade nem pelo dinheiro, que nunca renunciou a suas convicções, que foi forte e não cedeu diante do

eletrificado da prisão. Além disso, carregava dentro de si o álbum de fotografias da memória, que servia como referencial de seus afetos e significado para a vida. Dessa maneira, precária é certo, conseguiu prosseguir dia a dia à espera de uma possível libertação, que no caso do restante de sua família viria tarde demais.

Conclusão

Antonio Iturbe levanta, na obra *A Bibliotecária de Auschwitz*, inúmeras possibilidades de reflexões sobre aquele momento histórico importantíssimo da Segunda Guerra Mundial, aquilo que veio a público apenas em 1945, com o fim da guerra: o descobrimento dos campos de concentração nazistas e o genocídio do povo judeu. Apresentamos neste trabalho características do que consideramos ferramentas de sobrevivência utilizadas por Dita Adlerova (Dita Kraus), personagem principal dessa história baseada em fatos reais.

Analisamos como a literatura, a memória e a imaginação operam na obra de modo a potencializar os efeitos da leitura como experiência de preservação do humano e superação dos processos de desumanização. Parte narrativa-testemunho de Dita Kraus, adolescente que sobreviveu ao campo de Auschwitz, onde trabalhou como bibliotecária no Bloco 31, o bloco infantil, e parte como narrativa ficcional, o romance de Iturbe mostra como a memória e a imaginação se entrelaçam como exercício de resistência diante do processo de desumanização em Auschwitz. A obra em si já é fruto das memórias de Dita e do trabalho ficcional de Iturbe.

De acordo com o romance, o contato de Dita com os livros e seu apego à arte do desenho fizeram com que ela pudesse expandir universo interior e preservá-lo diante da hostilidade exterior, ainda que em entrevistas mais

que acreditava ser justo. Desde então, quer ser como a sra. Manson. Ela não se deixaria desanimar pela guerra porque o romance demonstrava que, se alguém persevera naquilo que acredita, a justiça acaba aflorando por mais encoberta que esteja. Assente com a cabeça cada vez mais lentamente e vai sendo vencida pelo sono no refúgio em meio às madeiras” (ITURBE, 2014, p. 71).

recentes ela tenha diminuído a importância da leitura como elemento decisivo em sua sobrevivência. Sem dúvida, trata-se de uma ênfase de Iturbe, que construiu diálogos, reelaborou cenas a fim de fazer essa conexão. Na autobiografia de Dita Kraus a experiência com os livros foi limitada (seis meses no campo de concentração), e sua vida enfatiza bem mais a relação com a mãe e a amizade com outros jovens (2020). De qualquer modo, a história tem referenciais históricos comprovados e quase todas as personagens do romance são baseadas em pessoas reais que viveram no campo. A obra de Iturbe parece destacar o poder humanizador da literatura por meio do exercício da leitura e da narrativa. Referenciados pelas reflexões de Antonio Candido (2004), entendemos a literatura como um bem incompressível, um direito da pessoa humana, portanto um fator de humanização e formação humana.

Como vimos, o nazismo repudiou e discriminou a literatura, queimou livros em praça pública, perseguiu e matou escritores, intelectuais, professores, rabinos, pois entendia que a leitura seria um obstáculo aos seus planos de dominação. É através da leitura que começamos a nos questionar sobre a sociedade onde estamos inseridos e sobre quem somos. Nossas práticas estão relacionadas com aquilo que nos forma, e a leitura nos faz questionarmos sobre os caminhos que percorremos.

A memória e a imaginação constituem, numa relação de complementaridade, ferramentas fundamentais à sobrevivência da pessoa humana em tempos de crise. Dita faz uso de suas recordações, da memória de seus afetos para criar um álbum interno de “fotografias” de pessoas fundamentais na sua vida, decisão importantíssima para a sua sobrevivência, como havia pontuado o neurologista e psiquiatra Victor Frankl, de modo a ressignificar o seu tempo presente. A imaginação também faz parte desse processo de ressignificação da vida, preservação da sensibilidade estética, humana, e elaboração de uma possível resistência para um futuro viável, ainda que improvável. A imaginação ajuda a criar as condições para a sobrevivência.

As três ferramentas de sobrevivência apresentadas e analisadas no presente trabalho revelam o esforço pessoal de Dita, mas também o modo como

a experiência coletiva, social é importante para a sobrevivência. Ao ler, ao imaginar, Dita sabia que não estava só. Ao fazê-lo, tomava parte numa tradição, quer seja judaica ou ocidental, coloca-se no interior de uma narrativa outra, que não a narrativa dos nazistas e seu discurso de ódio e supremacia racial. Quando Dita relata os momentos que vivenciou, ela faz um trabalho de edição de suas memórias, ela também deixa para trás memórias que não foram importantes o suficiente para serem incluídas em sua narrativa. A memória recorta e ordena as lembranças, dando a eles um todo significativo, uma estrutura narrativa maior. O mesmo acontece com a literatura, que ajuda a organizar os pensamentos e as emoções. A criação de mundos paralelos, os sonhos de uma vida em liberdade ou o medo de não suportar mais um dia de inverno realinham sua vida interior e calibram sua subjetividade.

Gostaríamos de encerrar este texto destacando a importância da leitura da obra dentro do ambiente escolar. A escola representa aquele espaço de aprendizado onde encontramos troca de conhecimento e afetos, acesso aos saberes da cultura e da história, interação com pessoas, tanto estudantes quanto professores, reflexão sobre os mais importantes momentos da história humana. Trata-se de uma obra literária com conexões diretas com a história da humanidade, muito pertinente para os dias atuais em que a intolerância e tendências fascistas parecem retornar ao cenário mundial. É preciso que jovens e adultos reflitam sobre temas como respeito, opressão e liberdade, direitos humanos, memória e imaginação.

O holocausto perpetrado pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial não pode ser esquecido nem minimizado. Há que se estar sempre atento para que não se repita. Para isso temos a literatura, a memória e a imaginação como instrumentos que nos ajudam a compor o significado da vida humana e a importância do respeito à vida. O apagamento dessa história no ambiente escolar pode representar uma lacuna imensa na formação das novas gerações. Isso significa dizer que precisamos estabelecer contato com a dor e resistência dos sobreviventes desse genocídio em massa, para entender o poder

da violência e da intolerância, mas também a força humanizante da literatura, da memória e da imaginação.

REFERÊNCIAS

ADLER, Shimon. "Block 31; The Children's Block in the Family Camp at Birkenau". *Yad Vashem Studies*, n. 24, p. 281-315, 1994.

ASSEMBLEIA Geral da ONU. (1948). "Declaração Universal dos Direitos Humanos" (217 [III] A). Paris.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. Reorganizada pelo autor. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CORRÊA, Carlos Pinto. Imaginação e Criatividade: Uma introdução ao tema da criação e psicanálise. *Cógitto*, v. 2, p. 11-17, 2000. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792000000100002 Acesso em: 20 de ago. de 2021.

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2018.

DITA Kraus, *A Bibliotecária de Auschwitz*, fala com exclusividade ao Jornal Opção. *Jornal Opção*. Entrevista. Edição 2003 de 24 a 30 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/posts/entrevista/dita-kraus-a-bibliotecaria-de-auschwitz-fala-com-exclusividade-ao-jornal-opcao>>. Acesso em: 1 ago. 2021.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Aurélio: Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANKL, Viktor. *Em Busca de Sentido*. São Leopoldo (RS): Sinodal, 1985.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FRITZEN, Celdon. "O direito à literatura" trinta anos depois. *Contexto*, n. 35, p. 1-18, 2019/1.

GIRARDELLO, Gilka. A imaginação no contexto da recepção. Trabalho apresentado no XII Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, Compós. ANAIS do XII Encontro da Compós. Recife, 2003.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri e Puc Rio, 2013.

ITURBE, Antonio. *A Bibliotecária de Auschwitz*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2014.

KRAUS, Dita. *A Delayed Life: the True Story of the Librarian of Auschwitz*. New York: Faiwel and Friends, 2020.

LEVI, Primo. *É Isto um Homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MANGUEL, Alberto. The library as survival. In: _____. *The Library at Night*. Toronto, Canada: Vintage, 2008. p. 234-250.

RANIERI, L.P.; BARREIRA, C.R.A. A empatia como vivência. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 23, p. 12-31, 2012.

SILVA, Antonio Adailton. A importância de ser professor leitor: uma análise do romance *A Bibliotecária de Auschwitz*, de Antonio G. Iturbe. *Revista Entreletras*, Araguaia (TO), v. 6, n. 2, p. 59-71, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/download/2730/8937/> Acessado em 12 set. 2021.

SILVA, Sanderli José da. *O direito à literatura: um bem incompressível na visão de Antônio Cândido*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Direito do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13739/1/SJS12112018.pdf> Acesso em: 3 ago. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Imaginação e criatividade na infância*. Lisboa, Portugal: Dinalivro, 2012.